

## Índice

A Igreja, da reação à salvaguarda do projeto moderno.....	1
Modernidade do catolicismo norte-americano.....	3

### A Igreja, da reação à salvaguarda do projeto moderno

Modernidade e Igreja católica tiveram um prolongado confronto. No entanto, após estudar a história dos três últimos séculos, George Weigel mostra como se transformou paulatinamente a posição da Igreja para com as ideias modernas, que de início rejeitou. O catolicismo é compatível com a modernidade, afirma o intelectual norte-americano, e pode servir de ajuda à ordem democrática.

Se Weigel enquadra no género do drama a relação entre catolicismo e modernidade não é porque vislumbra um turbulento final – pelo contrário, mostra-se esperançado –, mas porque, como era habitual no teatro isabelino, assistimos a uma tragicomédia em cinco atos, onde uma hostilidade quase insuperável a princípio, vai dando lugar a uma atitude mais saudável. No final, a Igreja mostra-se não só disposta a aceitar algumas das conquistas modernas, como também a reconhecer que, de algum modo, a modernidade nasce num solo fertilizado pela fé.

O ensaio de Weigel, “The Irony of Modern Catholic History” (Basic Books, Nova Iorque, 2019, 336 págs.), começa com a Revolução Francesa e chega até aos nossos dias, para concluir que modernidade e Igreja devem estreitar os seus laços numa abertura crítica, superando a hostilidade recíproca. A sua análise histórica apresenta uma perspetiva adequada para analisar com menos ligeireza dois debates intermináveis em que parece atolada a Igreja: primeiro, o dos que exploram o suposto filão de rutura aberta pelo Vaticano II com os que se mantêm fiéis à hermenêutica da continuidade; e, segundo, aquele que mantém estes últimos com os tradicionalistas, que

continuam a demonizar o Concílio e a pôr em causa as ofertas modernas, sem concessões de qualquer tipo.

#### Trono e altar

O projeto moderno cristaliza, segundo Weigel, no reconhecimento das liberdades essenciais, como a igualdade, a tolerância, o Estado de direito, a separação de poderes, etc. Ou seja, a modernidade, para ele, equivale a democracia liberal e direitos humanos. Hoje é evidente que nada disso é contraditório com a fé. E mais, não trará o olhar cristão maior profundidade a estes valores, longe dos dogmas individualistas? Poderia até questionar-se que sejam elementos exclusivos do património do período moderno, como parece dar por adquirido Weigel.

Mas, mais do que analisar as ideias – de facto, ignora que, juntamente com os seus postulados políticos, a modernidade incluía outros mais questionáveis –, estuda o receio que a Igreja mostrou inicialmente perante os novos tempos. Se Gregório XVI ou Pio IX desconfiavam dessa miscelânea de ideias que hoje passam por modernas, não era devido ao seu aparente carácter subversivo, mas, sobretudo, porque a revolução do Iluminismo questionava o *statu quo* e os bastiões institucionais erguidos durante a Contrarreforma. Daí que se fechassem de modo inflexível as portas aos novos ventos.

É algo em que insiste também Martin Rhonheimer num excelente ensaio: a dura reação da Igreja nos finais do século XVIII não se sustentava numa reivindicação da Idade Média, mas por enfrentar o processo de dissolução da aliança entre trono e altar

do *Ancien Régime* absolutista (“[Cristianismo y laicidad](#)”, “Aceprensa”, 16.12.2009).

## A criatividade do povo de Deus

Mas o irónico é que, à medida que o papado perdia relevância jurídico-política, convertia-se numa referência global indiscutível. Pouco a pouco, a Igreja foi-se apercebendo de que assim ia ser mais determinante no âmbito da cultura do que reclamando protagonismo em áreas governativas. A essa importante evolução se referiu, antes de Weigel, o próprio Bento XVI, consciente da transformação do papado, que deixou de ser um poder de natureza política, para assumir a liderança espiritual no mundo de hoje.

Igualmente o novo elenco de ideias foi irrompendo e superando as resistências da instituição graças ao trabalho filial, mesmo santo, de numerosos intelectuais. Tratava-se de pessoas que se esforçaram com criatividade para aproveitar o positivo do mundo moderno, sem pôr em risco a fé. “The Irony of Modern Catholic History” mostra precisamente o pluralismo intelectual no seio da Igreja e a influência dos fiéis no seu desenvolvimento.

A história do cristianismo, também na modernidade, ilumina, de facto, a capacidade da fé em fecundar a cultura e a de se deixar fecundar por ela, sem perder a sua essência. É esta, no fim de contas, a lição que se deve extrair do livro de Weigel: a ironia a que se refere no título, explicou, é que “o encontro com a modernidade não só não liquidou o catolicismo, como ajudou a Igreja católica a redescobrir algumas verdades fundamentais sobre si mesma”.

Durante o século XIX, aparecem personagens como Johann Adam Mohler, que renovou a teologia ecuménica; Matthias Joseph Scheeben, que aprofundou a Igreja como corpo místico, ao mesmo tempo que punha a descoberto o reducionismo da antropologia moderna; Wilhelm Emmanuel von Ketteler, que explorou a mensagem social do catolicismo, e John Henry Newman, que não apenas reivindicou a liberdade de consciência, como detetou os perigos do relativismo liberal. Todos, cristãos que filtraram o legado moderno, enfrentaram simultaneamente a violência secularista, porque sabiam, como Justino, que tudo o que é verdade tem lugar no cristianismo.

## A revolução leonina

Weigel não condena a atitude dos que, num primeiro momento, se revoltaram contra a modernidade, alistando-se no lado da reação, porque perante as mudanças há que ser prudente. A

Igreja sentiu-se acoçada por regimes políticos especialmente hostis. Pode ser que essa cautela seja ao fim e ao cabo um problema, mas como sugeriu Yves Congar ao debruçar-se sobre a [reforma no catolicismo](#), é uma qualidade que permitiu à Igreja manter-se fiel à missão que lhe foi encomendada (“Aceprensa”, 19.10.2019).

Por seu turno, Weigel reconhece que o autêntico iniciador do diálogo entre catolicismo e mundo moderno foi Leão XIII, “um autêntico inovador”. Isso não significa que assumisse os dogmas do laicismo iluminista: somente que ajudou a aprofundar o sentido da liberdade política, o poder do Estado e as consequências do projeto moderno. Não escapava a este Papa a perda de relevância da metafísica – não esqueçamos que foi o pontífice que impulsionou o estudo do tomismo na Igreja –, mas deu as boas-vindas à democracia e alertou para a sua autêntica base: a pessoa humana.

Leão XIII foi um revolucionário, certamente, e não só pela doutrina social da Igreja. No seu pontificado, o catolicismo deixou de estar na defensiva e converteu-se num interlocutor legítimo, isto é, “numa autoridade moral global com peso intelectual e importantes coisas a trazer ao projeto moderno”, refere Weigel.

## Modernidade e modernismo

O diálogo entre modernidade e fé católica sofreu alguns retrocessos na primeira parte do século XX. Weigel explica em pormenor o problema do modernismo e salienta que as propostas inspiradas em Alfred Loisy tendiam a diluir o mistério sobrenatural e desviavam a singularidade da fé católica. Weigel precisa quais eram as diferenças entre a heterodoxia modernista e o impressionante renascimento teológico da primeira parte do século XX, que serve de preparação para o Concílio Vaticano II.

A renovação da exegese, que situava de novo no centro a Escritura; o Movimento Litúrgico, que incidia na participação sacramental dos fiéis, a relevância da vivência e a natureza testemunhal da fé, em face da sua compreensão meramente intelectual; ou a reflexão sobre Cristo nas obras, por exemplo, de Romano Guardini, Marie-Dominique Chenu, Karl Adam, Henri de Lubac, Maurice Blondel ou Jacques Maritain, todos homens de Deus e homens da Igreja, constituem sintomas de uma vitalidade que estava convencida de que a “modernização da Igreja” torná-la-ia mais fiel à sua missão e que não a adulteraria.

Uma ideia que João XXIII partilhava quando, perante a surpresa de todos, se decidiu a convocar um novo concílio ecuménico. Não se tratava tanto de definir novos dogmas ou lançar anátemas, quanto de “propor e apresentar” de um modo mais adequado o depósito da fé, à luz dos novos tempos. E mais, explicava na sua abertura, o Concílio deveria oferecer a verdade ao

homem para satisfazer “a busca moderna de liberdade, solidariedade e prosperidade”.

Esse foi o tão esperado encontro com a modernidade. Foi aí que, já de forma oficial, a Igreja deixou de representar o papel de bastião para adotar uma atitude mais propositiva. Entre outras coisas, o Concílio Vaticano II reivindicou a figura do leigo, superando uma mentalidade clerical. Tudo isso, juntamente com o chamamento universal à santidade, serviu para recordar à sociedade contemporânea, comprometida com os valores do seu tempo, que a fé não era um conjunto abstrato de dogmas, mas um encontro pessoal com Cristo.

## O abraço com o mundo moderno

Para Weigel, o Vaticano II marca o “abraço entre catolicismo e modernidade”, especialmente em termos políticos. Reivindicava-se a liberdade religiosa como um dos principais direitos humanos, um reconhecimento para que contribui não apenas a reflexão sobre a natureza humana, como também as duras experiências dos católicos sob os regimes totalitários. Desde essa altura, o catolicismo defendeu continuamente o Estado de direito e o princípio de subsidiariedade, opondo-se a todos os sistemas políticos que colocam em risco a liberdade da sociedade civil.

Contra os que defendem que o Concílio constituiu uma rendição em face do embate moderno, Weigel mostra que não foi proposta nenhuma alteração doutrinal. João Paulo II e Bento XVI, em linha com as declarações conciliares, foram os encarregados de efetuar uma crítica interna à modernidade e de enfrentar os desafios que a pós-modernidade representa, desafios que o Concílio não pôde prever, como o individualismo, a perda de relevância da verdade, o consumismo, a ideologia de género...

Com estes dois papas, George Weigel termina o seu percurso pela história recente da Igreja. Ao comentar a situação atual, mostra-se muito crítico com Francisco e sugere que o seu pontificado constitui um *impasse* no enriquecedor diálogo entre modernidade e catolicismo. É paradoxal esta avaliação, depois de ao longo das mais de trezentas páginas do seu livro se mostrar tão compreensivo com a deriva moderna e indulgente com o *impasse* do início do século XX. De qualquer forma, à sua opinião falta a distância temporal que – como reflete o seu estudo – é exigida para fazer uma análise ponderada da história da Igreja.

## Catolicismo evangélico e conversão

Hoje, para Weigel, abre-se um novo palco para a Igreja: vislumbra-se um catolicismo que não reage perante o mundo, nem se confronta com ele, propondo-se sim, com valentia, convertê-lo. Surge aqui novamente, e a título de conclusão, outra ironia: se num primeiro momento, o catolicismo contestou na sua totalidade os valores modernos, agora, a cultura católica converte-se numa garantia para a sobrevivência da igualdade, da liberdade, da tolerância e da democracia.

No seu ensaio anterior, Weigel falou do [catolicismo evangélico](#) (“Aceprensa”, 17.4.2017) para incidir na oportunidade de uma “nova evangelização”, exortando todo o católico a abrir-se criticamente aos tempos, propondo o encontro com Cristo de um modo atrativo para o homem de hoje. O escândalo dos abusos sexuais debilitou a proposta, porque afeta justamente o valor do testemunho, tão apreciado pelo olhar moderno. A Igreja deve assumir a sua responsabilidade e purificar-se. É essencial, a este respeito, uma reforma profunda do sacerdócio e do episcopado, defende.

Seja como for, a Igreja que vai em missão para anunciar a aventura do Evangelho ao mundo moderno, não para se render perante ele, é uma “Igreja pública”, isto é, envolvida nos debates contemporâneos. Não se trata de uma “Igreja estabelecida” nem “oficial”, que conte com poderes terrenos para fazer valer a sua verdade. Não é um partido político; tão-pouco uma Igreja privada, que perdeu a sua relevância social, mas uma Igreja que se apresenta como mãe, acolhendo e depurando as ideias modernas e injetando a seiva da sua sabedoria na cultura de hoje.

J. C.

## Modernidade do catolicismo norte-americano

Diversamente do que ocorreu na Europa, nos Estados Unidos nunca existiu conflito entre catolicismo e valores modernos, afirma George Weigel.

Na sua exploração pelo evoluir das [relações entre Igreja católica e mundo moderno](#), George Weigel dedica várias páginas a analisar a situação nos Estados Unidos, um autêntico banco de ensaio para a compatibilidade entre a fé católica e a democracia liberal. Para o pensador norte-americano, o catolicismo no seu país, embora minoritário, não teve de enfrentar o vínculo polí-

tico com o absolutismo que estorvou a entrada na modernidade do catolicismo europeu.

A fé católica teve um enorme crescimento nos Estados Unidos ao longo do século XIX, diversamente do que aconteceu na Europa devido às políticas secularizadoras e ao aparecimento de novas ideologias, como o marxismo. Se no século XVIII, o número de fiéis católicos era de 35 000 em terras norte-americanas, no início do século XX, superava o milhão e meio, em parte graças também à imigração.

A Igreja despertou o interesse de todas as classes sociais e desempenhou uma função social muito importante entre os mais desfavorecidos. Especialmente relevante foi o trabalho dos católicos nas fábricas. Desse modo, “a Igreja nos Estados Unidos não só conseguiu manter a lealdade dos trabalhadores, como igualmente pôde construir uma ampla infraestrutura institucional como em nenhuma outra parte do mundo”.

### **Uma cultura paralela**

Os teóricos da secularização insistiram sempre na excepcionalidade dos Estados Unidos, um país cuja configuração política deixa amplos espaços para o desenvolvimento da sociedade civil, como já referira Alexis de Tocqueville. Weigel explica que os católicos norte-americanos nunca pensaram que a democracia liberal ou os seus valores, como a liberdade de consciência ou a tolerância, estivessem em contradição com as verdades da fé; pelo contrário, souberam aproveitar a margem propiciada pela limitação do poder político para se envolverem em numerosos projetos de assistência social.

A vitalidade dos católicos norte-americanos deu como fruto uma poderosa rede de instituições de cujo trabalho surgiu uma espécie de cultura paralela, muito importante no trabalho evangelizador: escolas, universidades, centros de saúde, programas de ajuda aos trabalhadores e aos imigrantes, etc.

Também o catolicismo norte-americano teve intelectuais que trabalharam para demonstrar que os princípios da democracia liberal eram coerentes com a fé. Weigel destaca a figura de John Courtney Murray (1904-1967), teólogo jesuíta, para quem a liberdade religiosa constituía inegavelmente um dos direitos fundamentais mais básicos. De facto, muitas das suas ideias foram acolhidas mais tarde no decreto “*Dignitatis humanae*” do Vaticano II. Em resumo, conclui Weigel no seu último ensaio, a Igreja nos Estados Unidos demonstrou que o catolicismo “podia florescer em condições modernas, sendo simultaneamente fiel a Roma”.

J. C.